

O APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA PELO ALUNO SURDO

Marcelo Mariotti

Rede Municipal de Ensino de Cascavel

Dra. Rose Belim Motter

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Ensinar e aprender inglês não é uma tarefa fácil, especialmente nas condições ora impostas à escola pública. Professores e alunos se angustiam com o resultado que em muitos casos parece ser inócuo. Muitas situações acentuam as barreiras à pessoa com um determinado tipo de deficiência. Por isso, a inclusão realmente pode garantir a acessibilidade. O presente trabalho busca desvelar como se dá a aquisição da Língua Inglesa por alunos surdos como forma de compreender a importância dos envolvidos e as fragilidades presentes nesse processo, assim como identificar possibilidades de galgar êxito na aquisição do idioma. A pesquisa é de cunho bibliográfico e suas fontes, a maior parte, encontram-se disponibilizados na rede mundial de computadores.

Palavras-chave: Língua estrangeira; Surdez; Ensino-aprendizagem.

ENGLISH LANGUAGE LEARNING BY THE DEAF STUDENT

RESUMEN: ABSTRACT: Teaching and learning English is not an easy assignment, especially at the circumstances imposed to public schools. Teachers and students annoy themselves about with the result that in many cases seems innocuous. The greater the difference, the more complex the process becomes. It is the case of the inclusion of people with disabilities that in many situations the barriers to them are more evident, that accessibility is guaranteed. The present work seeks to reveal how the acquisition of the English Language by deaf students occurs, as a way of understanding the importance of those involved and the weaknesses present in this process, as well as identify possibilities for success in acquiring the language. The research is of a bibliographic nature and its sources, for the most part, are available on the web.

KEYWORDS: Foreign language; Deafness; Teaching and learning.



1. INTRODUÇÃO

O dicionário da Língua Portuguesa Michaelis define aprender como: “ficar sabendo, tomar conhecimento, reter na memória, adquirir habilidade prática, passar a compreender algo melhor graças a um depuramento da capacidade de apreciação, empatia, percepção”. Tal definição é bastante simplista, frente às pesquisas e ao fazer diário de muitas pessoas Brasil afora, uma forma de encarar o trabalho de muitos em diferentes níveis e áreas de ensino, com seus embates e divergências, com seus estudos e busca pela melhor maneira de ensinar e de, por conseguinte, aprender.

Muitos são os problemas evidenciados a esse respeito: falta de estrutura familiar e educacional, de interesse político na qualidade de ensino, condições precárias de trabalho de professores e alunos, em especial para os da escola pública, transferência de culpa, incapacidade, o despreparo, entre tantos outros. Dos que considero mais grave é a transferência de culpa, atribuindo ao professor a incapacidade e despreparo, o que de certo modo atinge a estrutura do ensino no país, em especial, do Ensino Superior, o qual certifica pessoas que muitas vezes, não tem uma preparação suficiente para lecionar.

Piazzi (2014) apresenta um ponto de vista peculiar respeito do aprender, para ele, tal ação é algo de que se jamais esquece. Segundo o autor, aprender é aquilo que permanece após a conclusão da educação formal, o que realmente ficou retido na memória. O referido autor considera que estudar para prova, para o concurso, ou com qualquer outra finalidade que não a de aprender é inócua.

Portanto, faz-se necessário delimitar o presente estudo. Sendo assim, ao observarmos que nesse processo complexo de aprender um idioma estrangeiro, nas condições, ora impostas e, em especial na escola pública, ocorre o ingresso de outros fatores que merecem atenção, como o caso do processo de inclusão da pessoa com deficiência, em especial “o *aluno surdo*”.

A pessoa surda tem um processo de aquisição da linguagem prejudicado por muitos fatores sociais tais como a família não aceitara condição do indivíduo surdo, sua diferença, e



que por sua vez desenvolve tardiamente sua língua materna a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que passou a ser reconhecida como idioma e língua materna para o surdo por meio da Lei 10436/2002. Desse modo a Língua Portuguesa passa a ser considerada segunda língua. Com o intuito de que esse trabalho, de fato, contribua com a educação, principalmente dos surdos, foram definidos como objetivos do trabalho:

- a) conhecer as metodologias utilizadas para o ensino da Língua Inglesa para alunos surdos identificando quais são as mais adequadas para esse contexto;
- b) identificar como se dá a atuação do intérprete de LIBRAS nesse processo e como ele contribui e/ou prejudica a compreensão dos processos linguísticos envolvidos na aquisição do idioma.

De forma mais específica, pretendo identificar as principais fragilidades no processo de ensino e de aprendizagem da Língua Inglesa para alunos surdos com o objetivo de demonstrar a relação existente entre o ensino regular e as teorias de ensino de surdos.

A fim de justificar este estudo, argumento que ao se estudar um idioma estrangeiro abre-se espaço para conhecer realidades distintas da nossa, o outro, sua cultura, seu modo de vida, de pensar e de se expressar. Isso proporciona um grande avanço, quer no aspecto linguístico, uma vez que amplia a quantidade de palavras com as quais o cérebro opera, assim como, do ponto de vista humanístico, quando se pode perceber o outro.

Não obstante, é um direito constitucional e nessa mesma toada um requisito significativo para o ingresso e a manutenção do indivíduo no mercado de trabalho, a qual proporciona àquele que domina um idioma estrangeiro conseguir melhores condições de trabalho.

Diante disso, e tendo em vista a problemática apresentada anteriormente, é possível perceber que o aluno surdo encontra outros obstáculos e que merecem certa atenção. Os processos de ensino- aprendizagem ocorrem com mediação do intérprete de LIBRAS, e é necessário que o professor titular faça as devidas adaptações para que o aluno possa se integrar e participar de todas as atividades desenvolvidas. Portanto, justifica-se a formulação do presente trabalho com vistas a perceber como se dá e como pode ser desenvolvido o trabalho com o aluno surdo e a turma na qual ele está inserido, atendendo a legislação vigente



e aos objetivos propostos para a disciplina da Língua Inglesa nas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná - DCE e dos Planos de Trabalho Docente – PTD.

A presente pesquisa tem caráter bibliográfico com vistas a compilar os principais aspectos já estudados a respeito da surdez, do bilinguismo no ensino de surdos e do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira moderna em salas de aula do ensino regular em que ocorram a inclusão de alunos surdos. A proposta é verificar o sucesso e as limitações para integração de alunos surdos no processo que tem por premissa a oralidade, aprender a discriminar os sons da fala no idioma alvo e produzir condições para a efetiva comunicação, transpondo a língua materna e utilizando com eficiência a língua alvo.

O material elencado para o estudo em sua grande maioria encontra-se disponível na *web*, e expressam aquilo que tem se observado em relação ao ensino da pessoa surda e do ensino de Língua Inglesa em classes do ensino regular, em especial em Cascavel/PR.

2. A PESSOA SURDA EM UMA SOCIEDADE OUVINTE

É imprescindível conhecer, ter clareza a respeito da história, da identidade, da cultura e da representação da pessoa surda em meio à sociedade ouvinte para que se possa pensar no desenvolvimento de metodologias e de estratégias que promoverão o desenvolvimento integral deste indivíduo.

É de longa data a luta pelo reconhecimento das diferenças e a busca pelo respeito quanto a isso. São muitos os desafios na educação, e na educação de surdos, e quando a temática envolve o ensino de Língua Estrangeira – Inglês – é necessário observar o referencial teórico proposto pelas Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná. Documento que trata de forma geral o ensino da LEM, ou seja, não especificando condições diversas, como é a condição do aluno surdo.

Desse modo, ao se compreender as diferentes metodologias usadas para o ensino do surdo ao longo da história é possível encontrar caminhos que permitirão o avanço e o sucesso escolar. No entanto, não podemos de modo algum, idealizar, adotar um pensamento romântico, pois o caminho é árduo, mas necessário para que se cumpra a legislação para o



ensino, e as especificidades quanto a inclusão da pessoa com deficiência, e, mais especificamente do aluno surdo.

Os estudos e pesquisas de campo aqui elencados mostram histórias de sucesso, evidenciam aquilo que se faz com o intuito de atender a legislação, os Projetos Políticos Pedagógicos, os Planos de Trabalho Docente, no entanto, é mister ter a devida atenção para que o ensino se efetive para além das provas e se consolide como patrimônio individual e coletivo.

A premissa da qual se deve partir é a de que o aluno surdo tem na LIBRAS sua língua materna e na Língua Portuguesa sua segunda língua- instrumental- cujo foco restringe-se à leitura/escrita como forma de ingresso na cultura letrada. Desse modo, como os autores escolhidos afirmam, a Língua Inglesa passa a ser o terceiro idioma a ser estudado por aqueles que em muitos casos, e, devido aos descasos, não dominam sua língua materna.

Segundo Gesser (*apud* CARVALHO, 2014) o processo de aquisição da leitura e da escrita, não decorre da necessidade de saber falar, da oralidade, do uso de um sistema fonético/auditivo, igualmente, está atrelado ao processo de ensino e de aprendizagem, e, por assim dizer, apresenta dificuldade a qualquer aprendiz. Este mesmo autor denuncia que a grande dificuldade encarada pelo surdo reside na falta de oportunidade, mais que qualquer outra.

Desse modo, podemos inferir que a aquisição tardia da linguagem, a resistência dos familiares e da sociedade em aceitar a diferença faz com que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais complexo, e como Carvalho (2014); Tavares e Oliveira (2014) apontam, existe grande desinteresse e muita reclamação de que a dificuldade é muito grande em aprender a Língua Inglesa, assim como, a Língua Portuguesa. A falta de fluência, de domínio de sua língua materna parece ser o grande vilão. Afinal, ao aluno ouvinte é oportunizado certo grau de domínio do idioma antes do ingresso nas turmas de alfabetização.

O ingresso no universo letrado se dá, na maioria das vezes, com a mediação de outro profissional, o TILS – Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais, o qual segundo Tavares e Oliveira (2014) nem sempre tem a formação acadêmica específica, geralmente trata-se de pessoas que sabem/tem fluência em LIBRAS, no entanto, não estudaram os processos de



aquisição de linguagem, não dispõem de fundamentação teórica e metodológica para a intervenção educacional.

Não obstante, devido à escassez de trabalhadores e de cursos específicos, o trabalho como TILS acaba sendo feito por pessoas que tem certa competência linguística em LIBRAS, cuja formação se restringe a mescla de curso de idiomas e de interpretação simultânea. Por melhores que sejam os cursos, não oferecem, ou pouco o fazem, embasamento teórico metodológico sólido a respeito do processo de aquisição da língua materna e do 2º/3º idiomas, como a linguagem estrutura o pensamento, e as diferenças existentes entre ouvintes e surdos.

É verídico que cabe ao professor titular a responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem, mas se e/ou quando o TILS tem compreensão de como se dão os processos mentais do aluno surdo, de como se deu e se dá a aquisição da linguagem do idioma materno e do segundo idioma e sua importância para o desenvolvimento do pensamento, isso pode contribuir sobremaneira para a melhoria do trabalho deste profissional, e da qualidade do ensino.

Portanto, temos de afirmar que o trabalho realizado pelo tradutor/intérprete de LIBRAS contribui imensamente para a superação de muitos problemas. Diminui a dificuldade de acesso ao conhecimento, No entanto, outros problemas surgem, por isso, é mister que o TILS tenha formação adequada nos cursos de LETRAS/LIBRAS a fim de ampliar o sucesso escolar do aluno surdo, e, principalmente, para que a aprendizagem se torne efetiva.

Na mesma baía, é importante que o professor regente tenha conhecimento de LIBRAS para que este possa estabelecer comunicação com seu interlocutor surdo. Tavares e Oliveira (2014) observam que nem sempre a tradução é fidedigna, nem sempre há afinidade entre o professor titular e o TILS, nem sempre aquilo que o professor julga imprescindível para a aquisição do conhecimento é traduzido, e/ou será julgado da mesma forma pelo TILS. Isso vem demonstrar que o aforismo literário “*traduttore, traditore*” não é de toda inverdade, e acontece no processo tradução, pois de certo modo, todo tradutor é um traidor, ele ressignifica o enunciado, e em algumas situações pode não se conseguir o significado esperado na língua alvo. Portanto, pode-se notar que o trabalho a ser desenvolvido pelo TILS tem vários percalços, os quais podem interferir diretamente no processo de ensino e de aprendizagem.



Desse modo, é importante que os professores titulares tenham conhecimento semelhante ao do TILS, pois entender a diferença pode lhe permitir melhorar sua prática docente. Por este âmbito, percebemos que a notadamente diminuta carga horária para o estudo da Língua Brasileira de Sinais nos cursos de licenciatura, não garante ao professor condições para atuar com a diversidade que estará presente no cotidiano escolar, nas salas do ensino regular. Portanto, tornar o ensino de LIBRAS requisito para a obtenção do título de licenciatura e a ampliação de sua carga horária, de modo a fornecer as bases sólidas e que garantirão ao futuro profissional condições para realizar suas atividades com propriedade.

É possível notar que apesar das fragilidades apresentadas existe um grande comprometimento e dedicação por parte dos envolvidos na superação dos limites, das barreiras impostas e com vistas a efetivação do processo de ensino e de aprendizagem, os quais evidenciam que muito se faz para que se efetivem as políticas relacionadas à pessoa com deficiência, a saber: a Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), a Lei Estadual nº 18.419, de 7 de janeiro de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência do Estado do Paraná) e o Decreto Federal nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999; No entanto, ainda é pouco. E há que se melhorar.

Um recurso interessante que permite a integração entre todos os educandos, surdos, ouvintes o qualquer outro tipo de deficiência é a utilização de Objeto Digital de Ensino e de Aprendizagem – ODEA, o qual é facilmente adaptável, permite a participação de todos e utiliza-se dos recursos tecnológicos para se atingir os objetivos elencados nos Planos de Trabalho Docente, Projetos Políticos Pedagógicos das instituições escolares, Diretrizes Curriculares quanto ao processo de ensino e de aprendizagem de determinado conteúdo.

ODEA segundo Wiley (2000) são elementos produzidos sob os paradigmas da ciência da computação, os quais podem ser usados e reutilizados em diferentes momentos do processo de ensino e de aprendizagem, assim como, devido a sua forma de produção e disponibilização no meio digital, podem ser utilizados simultaneamente por vários aprendizes. Tais objetos abordam de maneira genérica e escalonada o tema a ser estudado, e podem ser facilmente adaptados a várias situações de aprendizagem.

Para o autor eles podem ser estruturados da seguinte maneira:



- Fundamental: pode ser elaborado/utilizado uma figura no formato *jpeg* ou mesmo uma pesquisa individual.
- Combinado: um vídeo com áudio, neste tipo é combinado um ou mais materiais o que faz acontece com animações, vídeo aulas, vídeo clipes, entre outros.
- Circuito fechado: uma pequena pesquisa digital é um exemplo, pois deve apresentar uma lógica interna e deve apresentar a possibilidade de ser reutilizado.
- Circuito aberto: uma página da internet que utiliza a figura, o vídeo/áudio e um material escrito, geralmente é combinação dos três anteriores (fundamental, combinado, e circuito aberto). Uma longa pesquisa digital em tempo real.
- Apresentação geral/genérica: construído na plataforma Java e que permite a interatividade, por meio de um jogo o qual apresenta desafios, atribui notas e se configura numa estrutura lógica em baixo nível de complexidade. O Learning Object – L.O. - Objeto de Aprendizagem pode ser desenhado em um sistema de rede que permite combinar e criar apresentações usando referenciais, instruções, práticas e testes.
- Instrucional genérica: consiste em um programa executável que usa de todos os elementos e proporciona a prática de qualquer procedimento. Apresenta uma lógica estruturada e permite a combinação de todos os outros tipos de ODEA – fundamental, circuito fechado, circuito aberto e apresentação genérica. Este tipo tem alta intertextualidade e possibilidade de reutilização.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é importante lembrar que aprender um idioma estrangeiro é um direito de todos, promove a humanização e permite/fortalece o desenvolvimento da identidade, estabelecida em oposição ao outro, o diferente, que tem seus gostos, seus costumes, sua maneira de falar, de vestir, de pensar. Ainda, permite conhecer culturas diferentes, modos de vida, valores, compreender que vivemos em meio a diversidade. Além



disso, contribui para a aceitação da diversidade que está próxima de nós, no caso, da pessoa com deficiência.

Outrossim, quando falamos em aprender um idioma estrangeiro, que em questão é a Língua Inglesa, reconhecida e utilizada mundialmente como língua franca, a qual permite que povos se encontrem e se entendam, é mister que esse direito seja garantido e efetivado a todos os estudantes, ouvintes e surdos.

Diante do exposto, consideramos que apesar das fragilidades, muito tem sido feito, estudado e buscado com vistas a efetivação do processo de ensino e de aprendizagem, e de estar consciente de que ainda estamos longe de atingir aquilo que esperamos. Parece promissor a utilização de ODEA para o ensino da Língua Inglesa tanto para surdos, quanto para ouvintes, com vistas a desenvolver todas as habilidades, excetuando *listening/speaking*¹ para o aluno surdo.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Lidia. FERRARI, Ana Josefina. Ensinando Inglês por meio de Libras: diálogos possíveis. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_lem_artigo_lidia_antonio.pdf

APRENDER. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em 01/06/2018.

CARVALHO, Raquel Araújo Mendes De DESAFIOS DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA PARA SURDOS disponível em: https://www.lettras.ufg.br/up/25/o/VIISLE_08.pdf

LOPES FILHO, Otacilio de C. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca, 1997.

MCCLEARY, Leland. VIOTTI, Evani. Língua e gesto em línguas sinalizadas. Juiz de Fora/MG – Veredas on-line – atemática – 1/2011. P. 239-304

MORI, Nerli Nonato Ribeiro. SANDER, Ricardo Ernani. Historia da Educação de Surdos no Brasil. Disponível em:

http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_04/94.pdf

¹ *Listening/speaking* – ouvir e falar, respectivamente.



PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Estrangeira Moderna. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.pdf

PEREIRA, Karina Ávila. ENSINANDO UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA ALUNOS SURDOS: SABERES E PRÁTICAS. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/237-%20ENSINANDO%20UMA%20L%C3%8DNGUA%20ESTRANGEIRA%20PARA%20ALUNOS%20SURDOS%20SABERES%20E%20PR%C3%81TICAS.pdf>

PIAZZI, Pierluigi. Aprendendo a inteligência. São Paulo: Aleph, 2014.

PINTO, Francis Mara. SILVA, Danilo. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ESTUDANTES SURDOS BRASILEIROS. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/17235/11547>

SANTANA, Ana Paulo. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguística. São Paulo: Plexus 2007.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. OLIVEIRA, Ana Paula Pires de. Libras no ensino de inglês mediado pelas novas tecnologias: desafios e possibilidades. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/v14n4a12.pdf>

WILEY, D. A. Connecting learning objects to instructional design theory: A definition, a metaphor, and a taxonomy. 2000. Disponível em: <http://www.reusability.org/read>

ZUFFO, Darci. O ALUNO SURDO E A APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_unicentro_lem_artigo_darci_zuffo.pdf

Recebido em: 18-10-2019

Aceito em: 24-11-2019

